

A REPRESENTAÇÃO DE MAMADU, O HERÓI SURDO: DA MARGINALIZAÇÃO À SUPERAÇÃO

THE REPRESENTATION OF MAMADU, O HERÓI SURDO: FROM MARGINALIZATION TO OVERCOMING

BRUNO LUTIANNY FAGUNDES MONÇÃO

Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Letras/Estudos Literários (Unimontes) e em Ciências da Educação (Universidade Fernando Pessoa). Professor de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

MARCIO JEAN FIALHO DE SOUSA

Doutor e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Letras pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Professor na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

RESUMO

Este artigo analisa a obra Mamadu, o Herói Surdo (2007), de Marta Morgado, autora Surda portuguesa. O objetivo é examinar a representação da marginalização enfrentada por Mamadu, uma criança Surda, negra e pobre, de Guiné-Bissau, e explorar como a educação e o acesso à Língua Gestual desempenham papéis cruciais em sua vida. A análise crítica concentra-se na maneira como a obra desafia estereótipos e preconceitos ao apresentar Mamadu como protagonista, destacando sua resiliência, superação e empatia. Além disso, examinou-se o papel de Mamadu como agente de mudança social ao retornar ao seu país como professor, contribuindo para o acesso à educação e à Língua Gestual de outras crianças Surdas. A obra de Marta Morgado destaca-se por sua representação na comunidade Surda, muitas vezes marginalizada na literatura, e pela maneira como desafia preconceitos ao retratar um protagonista Surdo, negro e de origem humilde. Em suma, este estudo contribui para a compreensão das questões de inclusão, educação e diversidade cultural na literatura contemporânea.

Palavras-chave: Literatura gestual/surda Portuguesa; Educação de Surdos; Negro-Surdo.

ABSTRACT

This article analyzes the work Mamadu, o Herói Surdo (2007), by Marta Morgado, a Portuguese Deaf author. The aim is to examine the presence of marginalization faced by Mamadu, a poor, black, Deaf child from Guinea-Bissau, and explore how education and access to Sign Language play crucial roles in her life. The critical analysis focuses on the way in which the work challenges stereotypes and prejudices by presenting Mamadu as the protagonist, highlighting his resilience, overcoming and empathy. Furthermore, Mamadu's role as an agent of social change was examined when he returned to his country as a teacher, contributing to access to education and Sign Language for other Deaf children. Marta Morgado's work stands out for its representation of the Deaf community, often marginalized in literature, and for the way it challenges prejudices by portraying a Deaf, black protagonist with humble origins. In short, this study contributes to the understanding of issues of inclusion, education and cultural diversity in contemporary literature.

Keywords: Portuguese gestural/deaf literature; Deaf Education; Black-Deaf.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 REPRESENTAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO EM MAMADU, O HERÓI SURDO; 1.1 Superação e Empoderamento em Mamadu, o Herói Surdo; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma ferramenta poderosa para a representação e compreensão das experiências humanas. No entanto, muitas vezes, certos grupos sociais são marginalizados ou negligenciados nas narrativas literárias, incluindo as pessoas Surdas¹. A obra *Mamadu, o Herói Surdo* (2007), de Marta Morgado, desafia essa tendência ao apresentar um protagonista Surdo, negro e pobre, cuja história é contemporânea pela resiliência, superação, empatia e representação da comunidade Surda. O objetivo deste artigo é analisar criticamente a obra, com foco na representação das margens enfrentadas por Mamadu, e explorar o papel crucial da educação e da Língua Gestual em sua vida.

Marta Morgado, autora Surda de origem portuguesa, surge como uma figura crucial no cenário literário contemporâneo. Suas narrativas, impregnadas de suas vivências, como Surda, ampliam as fronteiras da literatura, oferecendo uma perspectiva rica e autêntica sobre as complexidades da Surdez e de sua identidade. Sua contribuição, assim como a de outros autores Surdos contemporâneos, é fundamental para a literatura gestual/surda e a ampliação da compreensão da comunidade Surda em Portugal e além-mar.

A representação da marginalização e superação em *Mamadu, o Herói Surdo* é profundamente intrincada e reflete a realidade de muitas pessoas na mesma condição. Nesta comunicação, exploraremos detalhadamente como a obra de Marta Morgado captura as lutas enfrentadas por Mamadu e, ao mesmo tempo, celebramos sua resiliência e triunfos. Como um guia em nossa análise crítica, utilizaremos as teorias e conceitos de autores como Karin Strobel (2008) e Lodenir Karnopp (2006), que discutem a identidade e cultura Surda, além de Marta Morgado (2013) e Oliver Sacks (2010), que abordam a importância da língua de sinais e a viagem ao mundo Surdo. Também destacaremos a relevância sociocultural da representação do protagonista Mamadu como um agente de mudança social.

Ao analisar *Mamadu, o Herói Surdo*, sob essas perspectivas, esperamos revelar a riqueza da narrativa de Marta Morgado e a importância de sua obra no contexto da literatura Surda portuguesa contemporânea. Este estudo promove uma reflexão ampla sobre o sujeito Surdo, o acesso à educação e a valorização da diversidade cultural, aspectos essenciais para uma sociedade mais

¹ Neste estudo, o termo **Surdo(a)** será utilizado com a inicial “S” maiúscula, pois adota conceitos de autores que analisam o Surdo sob a perspectiva da identidade, cultura e linguística, com suas experiências embasadas no aspecto visual (SACKS, 2010; SÁNCHEZ, 1999).

inclusiva e justa. Através desta análise, buscamos lançar luz sobre a capacidade da literatura de desafiar estereótipos e preconceitos, inspirando empatia e compreensão para com a comunidade Surda.

1 REPRESENTAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO EM *MAMADU, O HERÓI SURDO*

A história de Mamadu é um relato comovente das dificuldades enfrentadas por uma criança Surda, negra e pobre da Guiné-Bissau. A marginalização que ele experimenta devido à sua surdez, origem étnica e situação socioeconômica é uma parte central da narrativa. A obra destaca as barreiras que as pessoas enfrentam não apenas em termos de comunicação, mas também em sua busca por educação e oportunidades.

A obra também sublinha a importância da educação e do acesso à Língua Gestual na vida de Mamadu. Através da educação e do aprendizado de sua língua, Mamadu se desenvolve como um indivíduo mais confiante e capaz de enfrentar os desafios que a vida lhe impõe. Isso destaca a necessidade crítica de sistemas educacionais inclusivos e acessíveis para as pessoas Surdas.

1.1 Superação e Empoderamento em *Mamadu, o herói Surdo*

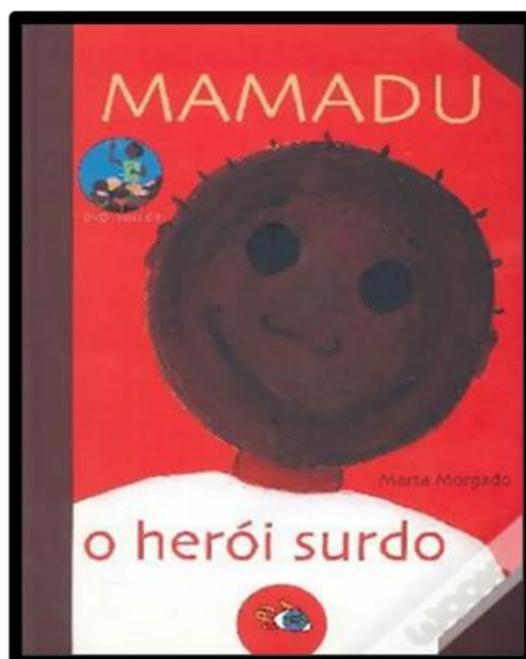
A obra *Mamadu, o herói Surdo* (2007) permite-nos refletir sobre a experiência do personagem Surdo com nome de Mamadu, uma criança negra de apenas 5 anos de idade que vive em seu país natal Guiné-Bissau no continente africano. Na narrativa, vemos que ele foi inspirado em contexto de vida real de Surdos negros durante o período colonial.

A esse respeito, em entrevista realizada com a autora durante a realização das pesquisas, ela afirma que:

Esta história é baseada em experiência real. Desde os meus seis anos, quando entrei no primeiro ano de escolaridade, na minha turma tinha colegas Surdos africanos e eles estavam em Portugal para ter escola e assim ficavam longe da família. Eles cresciam em Portugal até terminar a escola. Alguns voltavam para África e outros decidiam continuar em Portugal.

Quando tornei professora, eu continuava ver crianças Surdas que vinham de África. Hoje em dia, todos os países africanos de língua portuguesa já têm escola para Surdos e agora menos crianças vão a Portugal. Portanto o livro mostra duas coisas cruciais, a importância da escola e a importância de termos a família perto. (MORGADO, 2023)

Nesse sentido, a ficção da obra revela parte da realidade incompleta dos Surdos que precisava se deslocar pelo continente para ter acesso à língua gestual. Além disso, a obra dá ênfase à cultura africana, que se expressa nas características físicas dos personagens e na experiência de aprendizagem da língua de gestual.



1 - Capa do livro Mamadu, o Herói Surdo.
Fonte: Capa (MORGADO, 2007).

Na capa do livro é retratado uma criança negra, de cabelo característico, sorriso largo e olhos grandes que faz alusão às experiências visuais, atributo importante da cultura Surda. No título é apresentado o cenário de sua história, ou seja, a comunidade Surda, pois Mamadu é apresentado como negro, Surdo e herói. Conforme Gancho (1991), o personagem principal também pode ser entendido como o herói da história, que representa um exemplo a ser copiado, cujas qualidades podem ser projetadas para outros Surdos em sua convivência.

Vale destacar que o Surdo percebe o mundo através de seus olhos, numa experiência visual que os possibilitam notarem o mundo de uma maneira diferente. De acordo com Perlin e Miranda (2003, p. 218),

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda

representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

A experiência visual do Surdo em acessar o mundo através da visão é fundamental para sua compreensão e interação com o ambiente ao seu redor. Através da língua gestual, eles são capazes de se comunicar e de expressar suas ideias, pensamentos e emoções de forma visual e gestual. Essas experiências pessoais, vivenciadas ou testemunhadas são consideradas uma parte central da comunidade surda que podem compartilhar suas vidas, suas trajetórias individuais e como membros dessas comunidades. Através da potencialização do uso da visão e da língua de gestual, os Surdos podem se conectar com o mundo exterior e compartilhar suas próprias perspectivas e vivências. Nesse sentido, no livro como um todo, é notório o apelo às cores vibrantes, quentes e fortes, que faz menções as tradições culturais dos povos africanos. Segundo o Ministério da Cultura,

As cores, os padrões dos tecidos, os acessórios, todos têm forte simbologia e ligação com a cultura de seus povos. Muitos grupos são identificados pelas suas vestimentas, seus costumes, que criam, assim, um estilo próprio. A valorização desses estilos resulta da política de afirmação da identidade do continente (BRASIL, 2012, p. 24).

O personagem Mamadu, além da estética visual da obra, também apresenta as características de sua comunidade na forma de vestir e comer, “todos os dias, a família juntava-se ao jantar e todos comiam arroz e peixe, do mesmo prato, com as mãos bem lavadas” (MORGADO, 2007, p. 9). Essas características oportunizam o leitor a sentir os aspectos culturais e econômicos por meio das imagens e cores que são utilizadas para chamar a atenção dos elementos que compõem a história.

A trama inicia dizendo: “Era uma vez um menino de dois nomes”, fazendo referências aos dois nomes do protagonista, o primeiro é Miguel, nome em português, o oficial e usado como de registro de identidade; já o segundo é Mamadu, nome que as pessoas lhe davam, originalizada do Crioulo². “Mamadu era Miguel e Miguel era Mamadu” (MORGADO, 2007, p. 7).

² O **Crioulo da Guiné-Bissau** (CGB) corresponde a uma língua cuja formação remonta aos séculos XV (quando os portugueses chegaram à Guiné-Bissau, em 1446) e XVI (quando os portugueses iniciaram o comércio de escravos e fundaram Cachéu, primeira povoação portuguesa, em 1588).

O **crioulo da Guiné-Bissau** ou **criol** é a língua franca de 60% da população da Guiné-Bissau, sendo falado também no Senegal (conhecido como crioulo de Casamansa). Em 2019, 232 mil pessoas usavam o crioulo como primeira língua na Guiné-Bissau e mais 600 mil como segunda língua, enquanto que cerca de 15% da população do país falava nativamente o português.

É também conhecido como "crioulo bissau-guineense". Junto com o crioulo de Cabo Verde forma o Grupo Crioulo da Alta-Guiné, o mais antigo de línguas crioulas com base na língua portuguesa.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_crioula_da_Guin%C3%A9-Bissau. Acesso em: 15 jun. 2023.

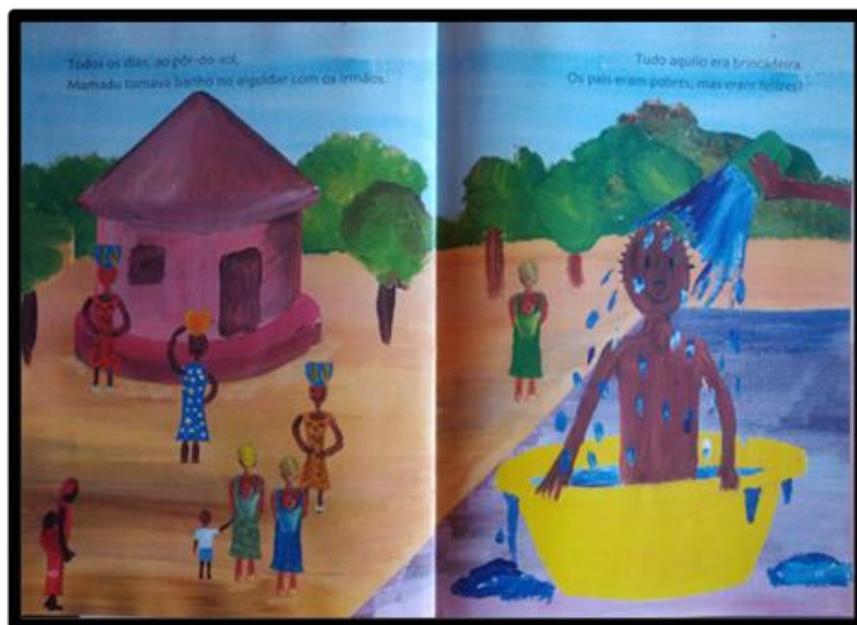
A autora apresenta o personagem como uma criança alegre que sempre fica a brincar pelo povoado.

Mamadu era um menino muito alegre, sempre a correr, sempre a brincar, e sempre descalço, como todos os meninos da Guiné-Bissau. Ajudava muito a mãe, ia buscar a água, ajudava o pai a carregar os sacos de arroz.

Tudo aquilo era brincadeira.

Os pais eram pobres, mas eram felizes! (MORGADO, 2007, p. 8-9).

A expressão cativante de um menino sempre alegre que Mamadu traz, é capaz de contagiar a todos, mesmo com tão pouco economicamente para viver. Buscava aproveitar cada momento que tinha para brincar nos terreiros de terra vermelha e solta, nas árvores que faziam as sombras em dias de sol forte e banhos em bacias. O pequenino menino mostra-se responsável, mesmo com pouca idade, está disposto a ajudar sua mãe e seu pai nas tarefas do dia a dia.



2 - A alegria de Mamadu nas coisas simples.
Fonte: (MORGADO, 2007, p. 10-11).

A condição econômica de Mamadu é um elemento central que o autor sublinha, evidenciado pelo uso de termos específicos que remetem ao cotidiano de seu povoado. A descrição "todos os

dias, ao pôr do sol, Mamadu tomava banho no alguidar³ com os irmãos" (MORGADO, 2007, p. 10), destaca a simplicidade e a rotina da vida rural. Essa imagem carrega significados profundos e multifacetados sobre a infância de Mamadu.

Primeiramente, a cena do banho no alguidar com os irmãos ao pôr do sol sublinha a união familiar e a importância das atividades diárias compartilhadas. O uso de um alguidar, um recipiente simples, em vez de instalações modernas, aponta para a ausência de recursos financeiros, mas também realça a autossuficiência e a adaptação às condições locais. Essa prática, embora simples, traz consigo uma sensação de normalidade e de continuidade das tradições culturais.

As ilustrações descritas, com mulheres negras usando roupas simples de tons quentes, muitas descalças, carregando bacias na cabeça e crianças no colo, e construindo casas de maneira tradicional, reforçam a sensação de uma comunidade que valoriza o trabalho coletivo e os costumes ancestrais. As roupas de cores quentes podem simbolizar a vivacidade e o calor humano presente na comunidade, enquanto a ausência de calçados reflete a relação íntima com a terra, encerrando um modo de vida conectado à natureza e às suas raízes.

O ambiente rural, com chão de terra vermelha e árvores ao redor das casas, oferece um pano de fundo que simboliza a simplicidade e a beleza natural que permeiam a infância de Mamadu. A terra vermelha pode representar fertilidade e ligação com a terra, indicando um ambiente onde a vida é vívida em harmonia com o ritmo da natureza.

Essas imagens retratam uma infância rica em experiências sensoriais e laços em comunidades, apesar das limitações econômicas. Elas evocam um sentido de pertença, de identidade cultural e de resistência. A infância de Mamadu, ilustrada através desses elementos, simboliza a resiliência e a alegria encontrada nas pequenas coisas do cotidiano, destacando a importância da família, da comunidade e das tradições no desenvolvimento de um senso de identidade forte e positivo.

Explorar essas imagens nos permite entender melhor como o autor utiliza a descrição visual e a ambientação para transmitir uma mensagem de valorização das raízes culturais e da infância vívida com dignidade e significado, independentemente das adversidades econômicas.

³ **Alguidar** é um objeto de uso doméstico, utilizado principalmente na cozinha para transportar, armazenar ou lavar utensílios. É um recipiente redondo e raso, geralmente feito de barro ou metal, com duas alças nas laterais para facilitar o transporte, de com o dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alguidar/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Outro elemento enfatizado pela autora é a aprendizagem da língua gestual. De acordo com Morgado (2007, p. 14): “Mamadu não sabia dizer uma única palavra, mas comunicava com os pais através de gestos, criados em casa para se poderem compreender uns aos outros”. O narrador também enfatiza a propriedade do Surdo ao mencionar que o personagem principal, um Surdo negro, se comunica por meio de gestos, o que reforça a importância das experiências visuais no desenvolvimento do sujeito Surdo, conforme observado por Strobel (2008). Apesar de se comunicar por gestos, Mamadu reconhece a necessidade de aprender a língua gestual formal, o que representa um elemento importante em sua formação como sujeito Surdo.

Mas os gestos eram demasiados e simples, Mamadu precisava de aprender coisas, aprender a escrever, perceber como nascem os bebês, como funciona o seu corpo, conhecer as árvores, saber o nome dos frutos, saber quem era sua família e seus amigos, precisa de “ouvir” histórias bonitas (MORGADO, 2007, p. 14).

Ele almeja saber das coisas, mas era limitado por não possuir uma língua natural ou uma formação de qualidade no seu país capaz de fazê-lo compreender as coisas, até mesmo “como nascem os bebês”. Shirley Vilhalva já traz esse anseio no seu livro *Despertar do Silêncio*:

Tudo que almejei foi sentir uma segurança neste mundo onde falam uma linguagem estranha onde a nossa comunicação é muito mais visual, mesmo falando pouco e com apoio gestual é preciso recorrer à ajuda de todas as pessoas para progredir.

Antes de aprender a Língua de Sinais, eu sabia muitas palavras, só que elas não tinham sentido para o uso no cotidiano. Sempre perguntando como é? O que é? Por que não é? Como você responde? (VILHALVA, 2004, p. 38).

O personagem, sente profundamente o desejo de saber mais. Necessitado de ajuda de pessoas para sanar suas dúvidas e encontrar sentidos em tudo que via e não sabia o significado e sentido que elas tinham. Para Mamadu, a comunicação cultural e linguística está ligada a sua comunidade e seu povo. No entanto, ele pertence a duas culturas, o que a torna duplamente diferente.

Conforme Sousa (2019) citando Morin, nos traz a reflexão que:

Os romances são capazes de dar vida às pessoas na medida em que os personagens são construídos a partir de um mundo preciso, composto de contextos, hábitos culturais, classes e sentimentos, tais como ciúmes, amor, ódio, mágoas, revoltas e esperança, de modo que o ser humano vai sendo apresentado como um todo: ser social, racional e sentimental, cujas escolhas são realizadas via contexto social e cultural ao qual está inserido. (SOUSA, 2019, p. 141).

Os pais de Mamadu reconheciam que ele era Surdo, porém não tinham conhecimento que sua Surdez já veio de nascença, eles acreditavam que o menino foi acometido por uma doença que o deixou assim, “[...] os pais acham que foi do paludismo⁴ que teve ainda bebê” (MORGADO, 2007, p. 12). Deste modo, percebendo que Mamadu está inserido em uma localidade que não favorecia a aquisição da língua gestual, seus pais, embora possam ouvir, reconhecem a necessidade dessa aquisição da língua devido ao seu desenvolvimento como uma criança esperta e interessada. Mamadu não conhece os sinais da língua gestual, o que significa que não conhece as características gramaticais e culturais dos Surdos. Isso obriga os pais a tomarem uma decisão difícil, mas importante para o bem-estar do seu filho.



3 - Partida de Mamadu para Portugal
Fonte: (MORGADO, 2007).

⁴ **Paludismo** ou **Malária** é uma doença causada pelo parasita protozoário chamado Plasmodium que é transmitido de pessoa para pessoa pela picada de uma fêmea infectada do mosquito Anopheles. “[...] actua sobre o sistema nervoso central produzindo, em pequena dose, excitação com zumbidos nos ouvidos, vertigens e algumas vezes surdez e perturbações da vista” (FERNANDES, 1919, p. 50).

O narrador declara:

Os pais queriam o melhor para o filho e procuraram ajuda, mas a ajuda na Guiné-Bissau era muito difícil, parecia que ninguém sabia o que era ser Surdo. Os pais pediram ajuda ao governo para enviar Mamadu para Portugal, para que ele tivesse escola. Tudo era difícil, não podiam emigrar juntos, Mamadu só tinha cinco anos, era demasiado novo para se afastar já da família (MORGADO, 2007, p. 12-13).

Devido à falta de uma educação específica para as pessoas Surdas na região, e o desejo de Mamadu em estudar e aprender sobre as coisas da vida, sua família recorre ao governo local com objetivo de conseguir ajuda para enviá-lo para a Europa para estudar, mais especificamente para Lisboa, capital de Portugal.

Ao chegar em Portugal, Mamadu se depara com uma nova realidade, ou seja, uma cidade grande, pavimentada, com saneamentos básicos, grandes prédios e isso tudo chama a atenção do menino. Neste contexto o protagonista também dá abertura a uma nova cultura, principalmente ao chegar à escola e ser apresentado aos seus pares, ou melhor, a seus iguais, pela primeira vez, o personagem se reconhece e se identifica dentro do seu mundo linguístico e gestual.

Não demora muito e Mamadu começa a refletir sobre as características físicas dos novos colegas, percebendo as diferenças etnicamente. Como sujeito negro Surdo, ele passa a refletir e questionar sua identidade em relação a outros Surdos brancos, que por sua vez desconhecem sua dupla identidade negro Surdo.

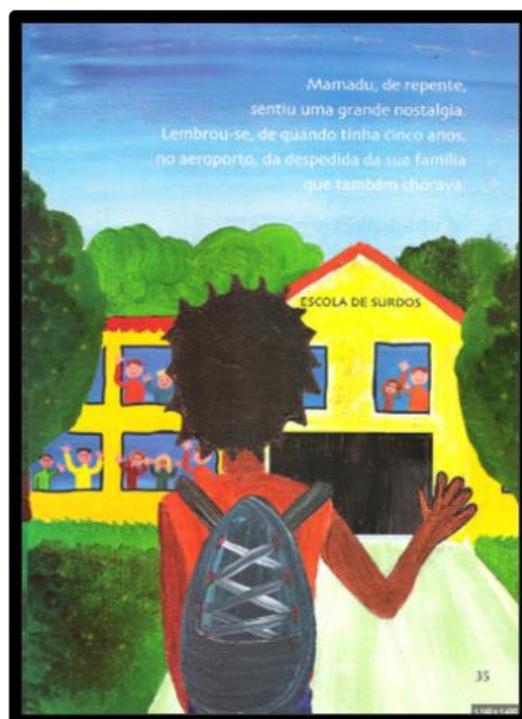
Por viver em um país majoritariamente negro e nos primeiros anos de sua vida ter contato só com pessoas de pele negra, Mamadu se identifica primeiro com sua identidade negra e só depois com a identidade Surda. Sua formação como pessoa acontece primeiramente no ambiente familiar com culturas africana, tendo aproximação com outras crianças da mesma etnia.

Com a mudança para Portugal, o menino tem a oportunidade de conhecer e desenvolver sua outra identidade cultural – a identidade Surda. Lá, ele conhece e convive com a comunidade Surda, aprendendo a língua gestual e participando de atividades relacionadas à cultura Surda. Essa experiência proporciona a Mamadu maior entendimento e fortalecimento de sua dupla identidade como negro Surdo.

Vale ressaltar que, em momento algum, a autora aponta alguma questão de racismo sofrido por Mamadu, pelo contrário, ela busca evidenciar que qualquer criança, independente da sua cor de

pele ou outro estereótipo, pode conseguir conquistar tudo e chegar aonde desejar. A obra vem apresentar isso quando coloca o personagem principal como herói.

Podemos observar na figura a chegada de Mamadu à escola.



4 - Chegada de Mamadu a escola de Surdos
Fonte: (MORGADO, 2007, p. 35).

Durante o período em que frequentou uma escola para Surdos em Portugal, Mamadu teve a oportunidade de vivenciar diferenças culturais como Surdo, além de notar sua própria diferença étnica em relação aos outros Surdos. Essa experiência foi fundamental para o desenvolvimento de Mamadu como homem negro Surdo e para o seu empoderamento. Ao navegar pelas diferenças culturais e linguísticas entre a Guiné-Bissau e Portugal, Mamadu é guiado em direção à maturidade. A mudança para Portugal representa grande desafio para Mamadu, pois ele enfrenta uma série de novos desafios em relação à sua identidade.

Uma característica forte da identidade e cultura do povo Surdo é o “Batismo⁵”, destinado a todas as pessoas que ingressam na comunidade surda e que funciona como um ritual. Como descreve o narrador: “Mamadu agora tinha três nomes: Mamadu, Miguel e o nome gestual” que foi observado uma característica física do personagem: “Ele em dois sinais na bochecha, logo o nome gestual passou a ser: ‘dois sinais na bochecha’” (MORGADO, 2007. p. 29).



5 - Nome gestual de Mamadu
Fonte: (MORGADO, 2012, p. 29)

“Mamadu não podia ir à escola, não tinha os mesmos direitos” (MORGADO, 2007, p. 12). Mediante o exposto, ele aponta a difícil realidade educacional do seu povoado, conseqüentemente do seu país, que não tem escolas preparadas para receberem Surdos. Ao trazer as dificuldades sociais e educacionais do personagem, o narrador questiona possibilidades de mudar essa realidade na comunidade, principalmente quando Mamadu já está em Portugal: “Mamadu agora tinha amigos, tinha livros para aprender, uma professora que o ensinava e brinquedos para brincar”

⁵ O Surdo, ao ingressar na comunidade, passa por um ritual denominado **batismo**. Esta é condição necessária para sua inserção na comunidade Surda. O ritual do batismo consiste na escolha de um sinal próprio que o nomeará na comunidade. [...] a comunidade Surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no “batismo quando o Surdo ingressa na comunidade” (DALCIN apud STROBEL, 2008, p. 64).

Este sinal deve ser criado e é dado por um Surdo, sendo antiético ser batizado por um ouvinte, pois o batismo faz parte da Cultura Surda. O Surdo, após observar as características da pessoa e conversar com ela, irá atribuir o sinal de identificação pessoal, não podendo mais ser alterado.

Este sinal é usado como uma forma mais prática e visual de identificação das pessoas dentro da comunidade Surda e ouvintes na sociedade.

(MORGADO, 2007, p. 26). Conseqüentemente Mamadu encontra um ambiente que ele nunca tinha vivenciado com crianças que poderia brincar, o personagem encontra também a esperança de aprender e mudar o seu futuro e, quem sabe, de outras pessoas do seu país.

O protagonista começa um longo período de aprendizado e conhecimentos específicos da sua cultura, da sua língua, do seu povo, da identidade e porque não dizer que Mamadu passa por uma fase de reconhecimento, de fortalecimento e de aceitação da sua dupla identidade negra Surda.

O personagem Mamadu parece ser um exemplo perfeito de como a literatura pode ser usada para dar voz às minorias sub-representadas e ofertar perspectiva de vida a personagens que podem ser negligenciados pela sociedade. O livro de Marta Morgado demonstra como a literatura pode ser usada para ilustrar a experiência de pessoas Surdas e negras, que, muitas vezes, são marginalizadas e esquecidas. A autora aproveita a oportunidade para iluminar questões sociais importantes e retratar a vida de indivíduos que são marginalizados.

A literatura exerce papel fundamental quando aborda temas que nos levam a pensar, refletir e questionar o que está sendo discutido na história, como no caso da obra *Mamadu, o herói Surdo*, que apresenta o cenário do Surdo negro e pobre, capaz de dar voz àqueles que sempre estão à margem da sociedade. Sousa (2019, p.142), apresenta-nos uma breve discussão sobre:

[...] exemplos que emergem desta literatura marginal e que leva o leitor ao exercício da empatia podem ser encontrados nos mais diversos números dos Cadernos Negros, cujo objetivo, desde os primeiros lançamentos, foi dar voz a comunidade negra produtora de literatura de protesto e de emancipação.

Há ainda a literatura produzida pelas comunidades tradicionais, como a indígena, onde se nota a resistência pela manutenção dos costumes e tradições e, ao mesmo tempo, divulgação de seus ritos como registro de suas memórias.

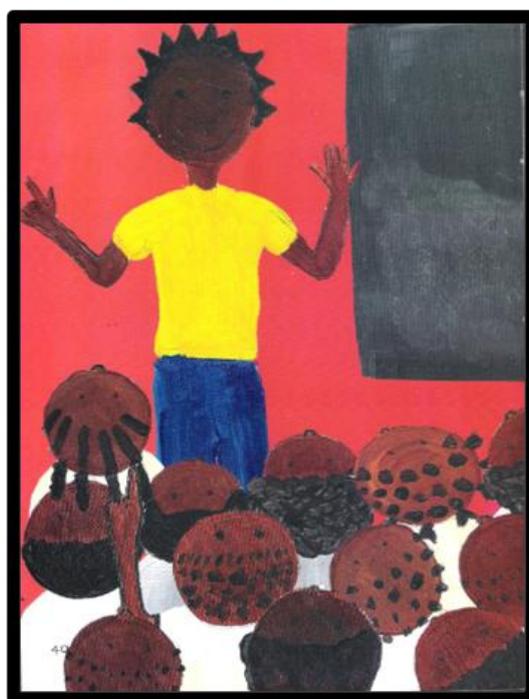
Assim como as lutas e a tentativa de encontrar lugar na sociedade majoritária, está a voz da comunidade surda, cuja literatura vem emergindo após, particularmente, a aprovação da lei que garante a oficialidade da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, promulgada no ano de 2002, pela lei 10.436. Dentre as vozes de resistência está a brasileira surda Shirley Vilhalva que, mediante aos diversos desafios enfrentados, publicou o livro *Despertar do Silêncio*, que reflete não apenas as batalhas para sobrevivência, mas as vivenciadas por toda uma comunidade que precisam aprender se comunicar com os ouvintes que, em sua maioria, sequer sabem utilizar a LIBRAS no dia a dia.

A representação e valorização da comunidade Surda, assim como a literatura das margens são capazes de dar voz às minorias e a literatura torna-se um objeto de protesto e emancipação, Mamadu apresenta uma narrativa em que o protagonista desafia estereótipos, destacando a importância da representatividade do sujeito Surdo.

Na obra em análise, a autora traz questões sobre a surdez, mas não se concentra apenas na deficiência do personagem. Em vez disso, usa a Surdez para explorar questões mais amplas de identidade e diferença cultural. O personagem é capaz de superar seus desafios, e seu sucesso é inspirador.

“Mamadu, o menino de dois sinais na bochecha cresceu, fez agora vinte anos, sabe três línguas, a Língua Portuguesa, a Língua Gestual Portuguesa e ainda teve oportunidade de aprender a Língua Inglesa na escola” (MORGADO, 2007, p.30). Durante todos esses anos não pode visitar seus familiares e o seu povo, por questões financeiras, e recorria a escrever cartas e superar um pouco a saudade da sua terra e família.

Os anos passaram e “Mamadu tinha agora que decidir o que fazer da sua vida, pois acabara a escola. Mas sabia o que queria, tinha um sonho.” (MORGADO, 2007, p. 32). Ao retornar ao seu país natal, a palavra que o define é “inspiração.”



6 - A condição de vida da personagem Mamadu.
Fonte: (MORGADO, 2007, p. 40).

Com o retorno de Mamadu a sua origem, o contato com seu povo e sua família fazem com que ele se sinta feliz mesmo que sentisse falta dos colegas e amigos que fizera em Portugal. Começa uma nova história, o propósito é ajudar e retribuir ao seu povo, principalmente aos seus pares, para

que eles não necessitem se ausentar do aconchego familiar em busca de conhecimentos e contato com sua língua.

Mamadu torna-se um professor, um inspirador, ou podemos dizer, um herói, que se abdicou de muitas coisas para ser formar e constituir como um homem capaz de proporcionar oportunidades a tantas crianças da Guiné-Bissau.

A saudade dos amigos que fizera na escola em Portugal era grande para Mamadu, principalmente da sua amiga, a qual ele envia-lhe uma carta narrando sua nova vida em Guiné-Bissau.

Bissau, 23 de Abril de 2007

Querida Mana!

Aqui estou eu, de volta à minha terra natal. Bissau continua a não ser uma cidade como Lisboa, uma cidade destruída pela guerra que não vi nem passei por ela.

Aqui não há electricidade nem água canalizada para toda a gente. As sete, já é noite, muito escuro, mesmo com a luz das velas, não consigo comunicar com ninguém. As oito é a hora que me deito, esperando o Sol do dia seguinte. O Sol é realmente a fonte da minha vida.

Aqui faz muito calor, tanto quanto me lembro da minha infância, já tinha saudades. Era tanta saudade quando voltei ver a minha família. Já tenho três sobrinhos: Okant, Uil, Nghaia. Infelizmente não me lembro dos códigos que tínhamos criado em família.

Eram gestos que nos ajudavam a estar mais unidos. Mas graças a Língua Portuguesa, pois não sei Crioulo, nós comunicamos por escrito e pouco a pouco vou ensinando gestos. Os meus sobrinhos são os que aprendem com mais facilidade.

Tenho uma boa notícia, minha amiga. Há pouco menos de um ano, um grupo de surdos criou uma associação para que os surdos pudessem estar juntos. E ainda conseguiram pedir uma sala para que as crianças pudessem frequentar a escola.

Há professores que estão a ensinar quase como voluntários porque não há dinheiro para os pagar. Mas esse foi um grande passo. Aqui vejo que as crianças e os jovens na associação convivem muito entres si diariamente e cada dia vejo que eles estão a fazer crescer uma nova língua. A Língua Gestual Guineense. Ofereci-me para ensinar tudo que aprendi.

E aqui estou eu, agora sou professor!

Estou gostando muito, as crianças já tinham comunicação básica com gestos, e espero não influenciar muito com a Língua Gestual Portuguesa, porque há muitos gestos que não fazem sentido aqui.

Entretanto já lhes contei histórias, já lhes ensinei muitas coisas. Mas infelizmente a escola é demasiado pequena para tantas crianças, estamos à espera de apoio financeiros para criar um lar e uma escola só para surdos, nada é fácil, mas pouco e pouco vamos conseguindo.

Eu acredito, e quero acreditar no futuro das crianças guineenses.

Por agora, é tudo! Conta-me tu novidades!

Manda beijinhos meus a todos lá da escola e um especial para ti, do teu amigo que te adora e que nunca te esquece.

Mamadu. (MORGADO, 2007, p. 39-41-43)

Na carta apresentada acima, Morgado traz aos leitores, através dos escritos de Mamadu, a importância da Língua Portuguesa na modalidade escrita para Surdos, pois o português é a segunda língua dos Surdos portugueses. “Mas graças a Língua Portuguesa, pois não sei Crioulo, nós comunicamos por escrito [...]” (MORGADO, 2007, p. 39). Vale ressaltar que suas obras são todas bilíngue. Assim, Carvalho (2019, p. 7), destaca a necessidade de uma proposta bilíngue, e que:

[...] a educação bilíngue para surdos se caracteriza, na atualidade, como a filosofia educacional mais adequada, tendo em vista que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português. Demanda o desenho de uma política linguística que defina a participação das duas línguas na escola em todo o processo de escolarização de forma a conferir legitimidade e prestígio da Libras como língua curricular e constituidora da pessoa surda. A apropriação desse artefato cultural se faz importante para esses sujeitos, uma vez que possibilita o acesso aos saberes historicamente construídos pela humanidade.

Não é apenas o estilo de escrita, que se apresenta na carta, mas a autonomia e a evolução do menino guineense têm agora e, que pode proporcioná-lo conhecer o mundo de outra forma. Outro ponto que Mamadu enfatiza é a escuridão, “As sete, já é noite, muito escuro, mesmo com a luz das velas, não consigo comunicar com ninguém. As oito é a hora que me deito, esperando o Sol do dia seguinte. O Sol é realmente a fonte da minha vida” (MORGADO, 2007, p. 39). A autora faz questão de frisar mais uma vez o aspecto visual do povo Surdo, quando coloca a palavra sol com

“S” maiúsculo, levando o leitor a entender a importância da clareza, da visão e das oportunidades que o Surdo precisa para estabelecer comunicação.

Além disso, com relação à sua família ele diz que não lembra mais dos códigos criados ainda quando era criança para comunicar com eles, e que também não sabe crioulo, mas, como todo Surdo, por extinto de comunicação encontra saída: Mamadu utiliza a escrita do português e relata que “[...] pouco a pouco vou ensinando gestos. Os meus sobrinhos são os que aprendem com mais facilidade”. Fazendo referências às falas de Patricia K. Kuhl, quando afirma que: “Não há dúvida de que as crianças aprendem a língua de maneira mais natural e eficiente do que os adultos, um paradoxo devido às habilidades cognitivas superiores dos adultos” (KUHL, 2000, p. 11).

Mamadu apresenta outra propriedade marcante da comunidade Surda, as associações: “Há pouco menos de um ano, um grupo de Surdos criou uma associação para que os Surdos pudessem estar juntos” (MORGADO, 2007, p. 41). Essas organizações têm o poder de juntar e aproximar o seu povo para uma melhor interação e debater sobre as lutas necessárias para o seu povo. Nesse lugar os Surdos sentem como se fosse sua “Segunda Casa”.

No trecho da carta que diz: “E aqui estou eu, agora sou professor! Estou gostando muito, as crianças já tinham comunicação básica com gestos [...]” (MORAGDO, 2007, p. 43), Mamadu demonstra felicidade por agora ser professor e poder contribuir com seu povo, salienta ainda, que as crianças já possuem uma comunicação básica com gestos, dando a entender que já tem um avanço na sua vila, mesmo que de forma limitada.

Ele se coloca completamente aberto a repassar tudo que aprendeu, como no trecho: “Ofereci-me para ensinar tudo que aprendi” (MORAGDO, 2007, p. 43), porém, “[...] espero não influenciar muito com a Língua Gestual Portuguesa, porque há muitos gestos que não fazem sentido aqui.” Através dessa percepção Mamadu reforça a importância cultural do seu povo, e o desejo de manter as raízes africanas na língua Guianense. Como aponta Strobel (2008, p. 44),

A língua de sinais é um artefato fundamental de cultura surda. No entanto incluem também os gestos, denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros⁶” dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram

⁶ **Sinais Caseiros** correspondem aos gestos ou construção simbólica inventadas no âmbito familiar, e comum a constituição de um sistema convencional de comunicação entre mãe-ouvinte e criança-surda, a família acaba lançando mão desse recurso apesar de muitas vezes não aceitar a Língua de Sinais por pensar que esta atrapalharia a aprendizagem da fala do seu filho (ALBRES, p. 4, acesso em: 22 jun. 2023, <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo5.pdf>).

comunicar apontando e criam sinais, pois não têm conhecimentos de sons e de palavras.

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo Surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o Surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44).

A efetivação das condições de comunicação de qualidade dos Surdos se dá por meio da língua, e o quanto mais cedo eles tiverem a oportunidade de ter o contato, eles terão ganhos expressivos na aquisição da língua, assim, sentindo inserido na sociedade, tendo mais acesso às informações, e tendo a possibilidade de fazer perguntas e ser respondidos. Ressaltamos aqui a necessidade de o quanto antes o Surdo ter o contato com outros Surdos, criando uma conexão identificatória cultural e linguística.

A obra *Mamadu, o Herói Surdo* tem o poder de inspirar a sociedade e seus leitores a refletirem sobre a relevância da inclusão e do respeito às diferenças. Através da história, a autora mostra como as pessoas são diferentes em relação à maioria e que muitas vezes enfrentam discriminação e exclusão, o que pode afetar profundamente sua autoestima e confiança.

Ao destacar a resiliência e a determinação de Mamadu, a obra também pode motivar seus leitores a lutarem contra a discriminação, o preconceito e a encontrar sua própria voz e identidade. Além disso, a história pode ajudar a conscientizar a sociedade sobre a importância de se ter empatia e respeito pelo próximo, independentemente de suas diferenças.

Em um mundo cada vez mais diversos, em que as questões de inclusão e de diversidade estão cada vez mais em pauta, “O Herói Surdo” pode representar importante contribuição literária para a promoção da conscientização e da valorização da diversidade. A obra pode promover reflexões críticas sensíveis sobre as questões de exclusão e preconceito e, ainda, incentivar a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

CONCLUSÃO

Para concluir, a obra de Marta Morgado é exemplo notável de como a literatura pode ser usada para dar voz às minorias e iluminar questões sociais importantes. O personagem Mamadu é exemplo de um herói que enfrenta desafios significativos, mas ainda assim persevera: “É tão

simples como um único adulto, um modelo Surdo, pode mudar a vida, a cabeça, de tantas crianças. Ele é o herói das crianças surdas da Guiné-Bissau, ele é o meu herói!” (MORGADO, 2007, p. 44). Sua história figura como lembrança poderosa de que, apesar de quaisquer desafios que enfrentam, as pessoas podem superá-los e alcançar grandes feitos.

Além disso, esperamos que esta análise tenha demonstrado como a obra de Marta Morgado contribui significativamente para uma compreensão mais ampla do indivíduo Surdo, da educação inclusiva e da valorização da diversidade cultural. O exemplo de Mamadu nos lembra que, mesmo diante das adversidades, as pessoas podem superar barreiras e atingir objetivos. Assim, reforça a ideia de que a literatura desempenha papel crucial na promoção da empatia e na quebra de preconceitos, e, como tal, deve ser valorizada como uma ferramenta essencial na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Ademais, a história de Mamadu também lança luz sobre o poder transformador da educação e da Língua Gestual, não apenas na vida do protagonista, mas também na vida de inúmeras outras crianças Surdas na Guiné-Bissau. A obra de Marta Morgado ressalta o impacto positivo que a educação e a promoção da Língua Gestual podem ter, não apenas na vida individual, mas também no desenvolvimento social e cultural de uma comunidade. Ela nos registra que o acesso à educação é um direito fundamental e que as barreiras impostas pela marginalização social, étnica e econômica podem ser superadas por meio do compromisso com a inclusão e o valor da diversidade.

Por fim, a história de *Mamadu, o Herói Surdo*, é uma inspiração para todos aqueles que lutam contra a discriminação e buscam uma sociedade mais inclusiva. Ela nos encorajou a valorizar as vozes daquelas que são frequentemente silenciadas e a considerar o potencial de cada indivíduo, independentemente de suas origens ou capacidades. Ao desafiar estereótipos e preconceitos, essa obra nos lembra que, por meio da literatura e da educação, podemos construir um mundo mais justo e igualitário, em que a diversidade é celebrada e cada pessoa tem a oportunidade de se tornar um herói de sua própria história.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infantil: entre a construção de sentidos e o uso dos recursos linguísticos. *In: III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012.
- BRASIL. **Portal da cultura afro-brasileira**. Ministério da Cultura. 2012. Disponível em: < https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_I.php >. Acesso em: 28 de jun. 2023.
- CARVALHO, Luís Claudio da Costa. Literatura Surda e a questão do essencialismo: o nascimento de uma tradição. *In: Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 14, p. 208-228, 2019.
- ALGUIDAR. *In: DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alguidar/>. Acesso em: 16 de jun. 2023.
- FERNANDES, Manuel de Jesus. **Paludismo**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina - do Pôrto. Escola Tipográfica da Oficina da S. José Rua Alexandre Herculano. Porto, 1919.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.
- KARNOPP, L. B. Literatura, Letramento e Práticas Educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade. *In: Educação Temática Digital*, 7(2), 98-109, 2006.
- KUHL, P. K. **Uma nova visão da aquisição da língua materna**. Colóquio da National Academy of Sciences colloquium “Auditory Neuroscience: Development, Transduction, and Integration”, realizado de 19 a 21 de maio de 2000, no Arnold and Mabel Beckman Center em Irvine, CA. PNAS, v. 97, n. 22, p. 11850–11857. - trad. Waldemar Ferreira Netto.
- MORGADO, Marta. **Mamadu, o Herói Surdo**. Lisboa – PT: Surd’Universo, 2007.
- PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o Narrar e a Política. *In: Estudos Surdos - Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos*, n. 5, UFSCI NUPICED, Florianópolis, 2003.
- SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SÁNCHEZ, Carlos. **La increíble y triste história de la sordera**. Caracas: Ceprosord, 1999
- SOUSA, Marcio Jean Fialho de. **A atualidade dos gêneros autobiográficos: ensaios críticos**. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2019.

STROBEL, K. **As imagens do Outro sobre a cultura surda**. 5a. ed. Revisada. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2004. 76p.

WEBER, L.N.D. **Laços de ternura: pesquisas e histórias de adoção**. Curitiba: Juruá, p. 218, 2004.

Recebido em: 13/07/2023 / Aprovado em: 12/10/2023